



PEDAGÓGICO

RESUMO

Este texto utiliza como operador conceitual as contribuições da filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Nesta perspectiva, analisa formas de conteúdo do discurso pedagógico na educação, derivadas das concepções modernas da Filosofia e da Ciência. Observa na relação teórico-prática deste discurso (o Moderno) a agudeza de sua cientificidade, a moral de sua teleologia a fim de avaliar a vitalidade dos conceitos empregados na textualidade oficial. Considera, por fim, a necessidade de investimentos nas formas de expressão do texto, na autenticidade conceitual originária e na motivação introspectiva no currículo de formação de professores.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Pedagogia Moderna. Máscaras.

1. INTRODUÇÃO

De alguma maneira, pertence a toda pedagogia uma espécie de linguagem que a define num recorte preciso de tempo. Aquém de qualquer linguagem, a pedagogia não é apenas a representação de um conjunto de teorias isoladas (filosóficas, psicológicas, biológicas). É a multiplicidade das ideias e o vigor do pensamento. Ou, pelo menos, caso considerássemos as divergências seculares entre *teoria* e *tecne*, então bastaria uma semântica entronizada sob a máscara da ciência para resolver o problema. Historicamente, presenciamos o predomínio da epistemologia cognitivista, enquanto ciência da pedagogia. Nesta consideração se revela o domínio das fórmulas acabadas, esgotadas na ação de pressupor o diferente, o diverso, a digressão do pensamento. É claro: isso em tempos pós-modernos. Ou seja, a epistemologia cognitivista responde apenas aos problemas que coloca como se as soluções estivessem suspensas numa esfera transcendente, no cotidiano dos educadores. Haverá que se pautar, ainda, na história da pedagogia, uma autêntica didática do problema, da invenção. O fato é que, sob a máscara da ciência, tal linguagem científica encobre o verdadeiro rosto da *empíria*. Este é o tempo da racionalização dos procedimentos de ensino-aprendizagem, um tempo em que o pensamento vaga sem nenhuma força intempestiva e, portanto, é incapaz de desacomodar as certezas peremptórias da razão. Por si só, ele faz tudo depender de certa pedagogicidade, cujas dimensões da *práxis* determinam o princípio e o fim de todas as coisas.

Sem a máscara da ciência, a pedagogia põe em condição explícita o sentido de sua teleologia. Não pergunta apenas pela finalidade de um bloco de saberes, mas pela funcionalidade radical dos pressupostos que originaram tais saberes. Inclusive, não seria nada injusto se afirmássemos que o movimento vem das bordas para o centro, minando a semântica oficial da pedagogia. Nesse sentido, o pensamento procura desmascarar a ideologia implícita nas ideias que sustentaram (e sustentam) os discursos da chamada 'conjuntura pedagógica'. Assim, destituída de seu fundamento moral, tal pedagogia pode se constituir numa teórica da filosofia, uma vez que procura criar conceitos fora das operações lógicas do conhecimento científico. Talvez merecesse a tentativa de fundir todas as ações de ensino-aprendizagem numa pragmática da imagem. Embora facilmente perceptível pelo esforço diacrônico em superar as convenções histórico-sociais, trata-se de um exercício anti-kantiano sem o qual o pensamento não é mais que a analogia do modelo. Se pensar é ainda uma fantástica aventura da criatura, enquanto *phantasia*, então há que se resgatar o sentido da "pedagogia do conceito" (Cf. DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.21), do aprender como enigma. Se, porém, a pedagogia vem a utilizar a máscara da filosofia da consciência, ao modo de discurso apologético sobre liberdade, autonomia da razão humana, é porque ainda não ponderou, devidamente, sobre a vitalidade da arte no pensamento. Em certo sentido, as máscaras que usa, de maneira tão singular, são a dupla-face de um mesmo rosto, envelhecido pelo utilitarismo e pelo niilismo dos valores. Agora, se acaso a própria epistemologia utiliza uma linguagem convencional aos problemas pedagógicos contemporâneos, então é provável que a ciência esteja mascarada de filosofia. Compreendemos, assim, que nem a ciência, nem a filosofia especulativa, enquanto máscaras da pedagogia são capazes de revigorar os problemas, provocar a criação do novo. Pois ambas partem de campos conceituais que tendem ao esgotamento das suas formas de expressão. O discurso único, hegemônico, numa única direção, é a maledicência do pensamento na pedagogia.

Todavia, não se trata de desmascarar a pedagogia como se procurássemos uma essência, o rosto original de uma personagem que aprendeu a arte de falar 'através de' para, dessa forma, distribuir-se nas cenas. A rigor, não há rosto. É preciso entender que: "Sem uma máscara, não se tem nenhum rosto para apresentar" (HAYMAN, 2000, p.35). A máscara não encobre apenas o fluxo das expressões que, em dadas situações, erigiriam respostas imediatas no semblante vivo: dor, alegria,

sofrimento, prazer. Ela materializa a condição de *personae* e, por isso mesmo, multiplica as formas de expressão, variando as vozes do discurso e a continuidade das cenas. Com isso, não se quer esvaziar o sentido das interpretações que fizeram da pedagogia um modelo estratégico de encenação fundacional, cujos papéis são pré-concebidos à luz do racionalismo moderno. Ao invés de desvelar razões *sobre*, essa pesquisa persegue a positividade daquilo que, a partir de Nietzsche, podemos chamar de “condições de vida” (NIETZSCHE, 2005, p.11) (*Lebensbedingungem*). É a própria vida que passa a ser entendida enquanto uma comédia de erros, daí a necessidade de reinventar cada cena, cada máscara, cada instante em que a pedagogia incorreu num modo de julgar a realidade. Talvez, por isso, a recusa em descrever a continuidade de juízos sintéticos, mormente de cunho moral, porém simplesmente o desejo de escrever para esconder os abismos que estão em nós. Tal exercício não se exclui da vontade de ficcionalizar as certezas do saber educacional, perverter os conceitos operacionais do cabedal docente e, sobretudo, reanimar o sentido trágico da retórica pedagógica. Em relação aos conceitos, devemos sinalizar que os tratamos como máscaras, ou seja, somente os perscrutamos a fim de provocar os ‘outros’ que estão por trás deles. Na sabedoria trágica, uma máscara jamais é vazia de sentido. Ela provoca a dispersão das vozes para simular a vida.

Então, trata-se de perder o medo ao visualizar a moldura de um rosto, deformado pelas contingências do destino. O que havia de humano em tal rosto fica reduzido às feições engessadas na moldura. E o que havia de imperfeição (grotesco), nesse mesmo rosto, é elevado à condição de arabesco do *infra-sentido*. Ou seja, não é aquilo que se representa, aparentemente, como sentido uniforme da aparência, traduzida pelos trejeitos de uma máscara, que trará força de expressão para a pedagogia. A primeira impressão é sempre um erro do olhar, uma forma de deslocamento da visibilidade em direção as funções da memória. A máscara de satã, por exemplo, invoca todo o mal que existe por detrás dela, mas trata-se do mal agregado ao inconsciente coletivo (e individual) da Modernidade (Cf. CORAZZA, 2002, p.17), depois de séculos de disseminação das idéias de teor humanista-cristão. O que vale, portanto, para a deformação do sentido aparente está minimizado nos detalhes que compõem a máscara (no nosso caso da pedagogia). No rosto, equivale ao traço indecifrável e, ao mesmo tempo, marca registrada do personagem que se diz por tais traços: “sobrancelhas e bigodes espessos” (Nietzsche), “O homem-gato” (Descartes), “O chinês de Königsberg” (Kant) (SUAREZ, 2007, p.09). Na *Pedagogia das Máscaras* que se anuncia como metalinguagem do discurso pedagógico, importa a deformação dos valores instituídos, a falta de fidelidade aos conceitos pedagógicos e, por fim, a economia do traço contra o decreto da imagem-modelo.

2. METODOLOGIA

A temática central deste trabalho gira em torno da metalinguagem dos discursos da pedagogia moderna. O problema de pesquisa é pensado na perspectiva das contribuições da chamada Filosofia da Diferença para a educação, corrente teórica vinculada ao pós-estruturalismo da linguagem e ao pós-modernismo da Estética e da Arte. Desse modo, pensa as interconexões dessa corrente com o campo da educação. Por isso, o objetivo central deste trabalho é pontuar a importância das formas de expressão do texto pedagógico em detrimento às formas de conteúdo. Neste sentido, fundamenta-se na estética trágica do pensamento grego, sobretudo nas concepções desenvolvidas pelo pensamento de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Baseando-se em pesquisas teóricas sobre as tragédias gregas, esse trabalho procura despersonalizar o registro de autoria, do autor como *authoritas*, ou seja, aquele que detém o poder de proferir a última palavra sobre algo. O método evidencia a variação das formas de expressão de um texto narrativo, sem prender-se a um modelo ou regra de produção. Antes de tudo, valoriza a dinâmica das forças (segundo Nietzsche) que afetam o sujeito que lê e que sofre as ações transformacionais do currículo em curso. Propõe, a partir disso, uma ‘Pedagogia das Máscaras’ em contraposição à pedagogia racionalista de matriz moderna. Tal proposta objetiva a consideração do devir artístico e estético da docência.

3. RESULTADOS DO TRABALHO / PESQUISA

Esta pesquisa contribui para a intersecção semântica do discurso pedagógico hegemônico, ideológico e posicional. Ou seja: suspeita de todo e qualquer fundamento teórico que não passe antes pelo critério da vitalidade, da concretude das ações do corpo. Acredita nas potencialidades do sujeito educador e na sua capacidade autopoietica em relação ao espaço escolar. Pensa a projeção cênica de fundamentos estéticos na educação formal, provenientes de campos como a Filosofia, a Arte e a Literatura. Desse modo, multiplica as possibilidades de abordagem de determinado conteúdo, as variações de um mesmo texto, as metodologias e os métodos das pesquisas no campo da educação.

4. CONCLUSÃO

Decididamente, tal pedagogia indagaria sobre: Que é a verdade em educação? Mas é provável que jamais se contentasse com qualquer resposta, cujas palavras procurassem aprender seu significado. Porque toda resposta apresenta um valor limitado e, sobretudo, relativo em relação ao objeto que procura decifrar. A idéia de que os conceitos são os mesmos para os mesmos problemas nos ressoa tão vazia quanto à noção de verdade. É preciso entender que: “Todo conceito surge pela igualação do não-igual” (NIETZSCHE, 2008, p.35). Ele traz implícita a extensão de sua própria diferença, daí a renovação incessante de seus componentes. Há que se guiar, nesse caso, por uma espécie de tautologia da palavra. Ora, o que serve ‘para mim’, como matéria de estudo e escrita, certamente não servirá para ‘outro’ (e vice-versa). Existe certo grau de afecção nas palavras assim como nas máscaras que, segundo algumas condições, costumamos usar. Entretanto, existe aí também uma percepção negativa da noção de máscara. Essa percepção acontece quando alguma alteração de comportamento é seguida por uma mudança nos sentimentos. Pois nem sempre estamos em condições passivas de partilhar de algum gosto ou escolha premente, sem questionar a decisão. Mas essa máscara psicologizada não nos interessa. Importa saber que na *Pedagogia das Máscaras*, a falsidade é vista como uma virtude positiva; aliás, ela é o jogo das superfícies fugidias, o erro metamorfoseado em auto-engano.

Na perspectiva da formação, fazemos (por meio dessa pedagogia) o contrário de sua solicitude: fazemos a deformação. Aliado a essa árdua tarefa, está o sujeito da educação, ou melhor, sua caricatura. Agora, ele encontra o palco ideal para dar início ao espetáculo (*Schauspiel*) da tragédia pedagógica. Para isso, ele precisa se ver livre das malhas da gramática, fazer um quiproquó do olhar teórico. Sem a seriedade epistêmica e sem o compromisso em afirmar ou negar algo, tal personagem instaura o teatro da derrisão. Frente à imagem ideal, condicionada por modelos curriculares oficiais, os personagens da *Pedagogia das Máscaras* são tão rasos e superficiais quanto às palavras que interpretam. Devemos, contudo, evitar uma modalidade de ironia, de deboche descabido em relação aos padrões instituídos. Simplesmente porque tal procedimento não partilha de uma condição vital, de acréscimo de potência. Não podemos fugir ao princípio de que: “Tudo que é profundo ama a máscara: as coisas mais profundas têm mesmo ódio à imagem e ao símile” (NIETZSCHE, 2005, p.42). Nenhum drama, portanto, deve ocupar o rol de preocupações na cartilha daqueles que se reconhecem na superficialidade do sentido. Embora doses de drama satírico, frases jocosas, certames cômicos façam parte dos procedimentos operacionais da *Pedagogia das Máscaras*.

A título de bandeira desbotada sobre a natureza dos conceitos em educação, essa pesquisa encontra na variação das formas de expressão uma maneira de retroceder ao caráter demonstrativo, explicativo de um texto. Ocupam-nos, portanto, perspectivas sobre o riso, a alegria e a Vontade. Por isso, desde já, decretamos que: *todos os problemas são problemas aparentemente sem solução*. Resta-nos uma atitude de suspeita, de desconfiança em relação ao salvacionismo científico da pedagogia. Há muito o tom de seriedade dos saberes pedagógicos carece de um esforço “artisticamente criador” (NIETZSCHE, 2005, p.41). Mas sem pretensão de engrandecer o ego pessoal daquele que escreve, ou então, desfilar maquiagens sobre a linguagem que rege o texto. Devemos considerar que as máscaras estão em constante alternância. Por vezes, o excesso de purpurina (na máscara) falseia a dança do pierrô, fazendo com que seus deslizes descompassados acabem prejudicando o momento da interpretação. Outras vezes, os tons contrastantes da máscara do arlequim fazem de tal personagem uma espécie de Caronte do vitalismo, ou seja, cruzando o rio da escrita, ele chega novamente ao rio. Afinal, tudo se restringe na espessura e na flexibilidade da máscara, pois sua afirmação (no rosto dessa pesquisa) depende do grau de potência empregado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno da educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- HAYMAN, Ronald. **Nietzsche: Nietzsche e suas vozes**. São Paulo: Unesp, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e mentira**. São Paulo: Hedra, 2008.
- SUAREZ, Rosana. **Nietzsche comediante: a filosofia na ótica irreverente de Nietzsche**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.